

um espaço físico bem além do razoável; em segundo, é mais difícil processar mentalmente uma linguagem totalmente explícita do que uma em larga medida inexplicita. (A compreensão humana é maior quando o homem tem de fazer inferências com relação ao material do que quando tudo é explicitado.) Em terceiro lugar, o autor pode não ser capaz de dizer explicitamente o que quer dizer. Uma habilidade necessária à escrita é a de saber o que se deve e o que não se deve explicitar. Há, portanto, dois componentes naquilo que se escreve ou se diz: aquilo que se exprime e aquilo que se deixa implícito. Aquilo que se diz é o que as palavras empregadas explicitam; aquilo que se deixa implícito é aquilo que se comunica em virtude dos vários elementos do contexto dos enunciados proferidos. Considere, por exemplo, o seguinte fragmento de ensaio:

Immanuel Kant é o autor de várias e longas obras clássicas de filosofia, incluindo-se aí sua *Crítica da razão pura* e sua *Crítica da razão prática*. A distinção que ele estabelece entre númeno e fenômeno e suas concepções acerca da contribuição da mente na estruturação da realidade têm tido profunda influência sobre muitos filósofos de destaque nos últimos cento e cinquenta anos.

Embora o autor *não diga* que Kant é um bom filósofo, ele por certo deixa isso *implícito* no fragmento em questão. Ele também não diz que muitos filósofos leram a obra de Kant, porém o contexto mais uma vez o deixa implícito. É muito improvável que as palavras do autor sobre Kant sejam verdadeiras, a não ser que muitos filósofos tenham lido Kant.

Embora seja uma virtude da comunicação em língua natural, nossa capacidade de deixar implícita boa parte do que queremos dizer causa problemas, porque é muitas vezes difícil o autor saber o que pode supor que seu público sabe, bem como determinar se já disse o suficiente para que o público descubra as implicações corretas do que disse. Em contextos corriqueiros, as pessoas raramente têm problemas para determinar isso, mas esse não é o caso na filosofia. A filosofia é tão geral que às vezes o que um filósofo tem por certo um outro julga absurdo. Comparem-se, por exemplo, as crenças dos realistas com as dos idealistas ou as crenças dos materialistas com as dos dualistas. O aluno tem outro problema. Como pode ele saber o que explicitar e o que deixar implícito quando seu público, o professor, provavelmente já sabe tudo quanto o aluno tem a dizer? (Para ter a resposta a esta pergunta, consulte o capítulo 1, seção 1, "O professor como público".)

Ser demasiadamente explícito pode resultar num texto canhestro. Considere a seguinte passagem de G. E. Moore, que acabara de discutir as diferenças entre asserções como "Estou de pé", "Estou vestido" e "Estou falando em voz relativamente alta":

Mas, apesar dessas e de outras diferenças entre essas sete ou oito asserções distintas, há vários aspectos importantes em que todas elas são iguais.

(1) Em primeiro lugar, todas essas sete ou oito asserções diferentes que apresentei no início desta palestra eram semelhantes entre si no tocante a um aspecto, a saber, todas elas foram asserções que, embora não sejam de fato falsas, poderiam ter sido falsas. Por exemplo, considere o tempo em que afirmei que estava de pé. É por certo verdadeiro que